

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	12	F60	04
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região Metropolitana do Recife
LOCALIDADE	Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu
MUNICÍPIO / UF	Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu/PE

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Gonguê
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Gongué, agogô.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO (A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Vide item 16.3 (outras observações).	☐ MASCULINO	
		☐ FEMININO	
OCUPAÇÃO		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****04**

Foto 01

Descrição: Batuqueiro do Maracatu Nação Cambinda Estrela com seu gonguê, em Ensaio com Naná Vasconcelos no parque Dona Lindu.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - ensaio com Naná Vasconcelos Dona Lindu - Cambinda Estrela - Tiago Guillen.

Anexo 2 (Registro nº: 770)



Foto 02

Descrição: Batuqueiro do Maracatu Nação Gato Preto com seu gonguê, em ensaio no parque Dona Lindu com Naná Vasconcelos.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - ensaio com Naná Vasconcelos Dona Lindu - Gato Preto - Tiago Guillen.

Anexo 2 (Registro nº: 770)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****04**

Foto 03

Descrição: Batuqueiro do Maracatu Nação Gato Preto com seu gonguê, em ensaio na Rua do Moeda com Naná Vasconcelos.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - ensaio com Naná Vasconcelos Rua da Moeda – Gato Preto - Patrícia Araújo.

Anexo 2 (Registro nº: 773)



Foto 04

Descrição: Batuqueiro do Maracatu Nação Estrela Brilhante com seu gonguê, em ensaio no parque Dona Lindu com Naná Vasconcelos.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - ensaio com Naná Vasconcelos Dona Lindu - Estrela Brilhante - Tiago Guillen.

Anexo 2 (Registro nº: 770)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****04****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

O gonguê é um dos instrumentos presentes no batuque (conjunto percussivo; vide ficha correspondente) dos maracatus nação. Ele é formado por uma campânula de ferro e de um cabo, também de ferro, que serve de apoio para o batuqueiro (vide ficha correspondente) segurá-lo e executar o seu toque. Como se pode observar na figura 2, no fim do cabo do gonguê há uma espécie de suporte que é apoiado na coxa do executante, no caso, a mesma coxa da mão que ele irá utilizar para tocar o gonguê (direita para destros e esquerda para canhotos); a outra mão segura o cabo. Em alguns casos, é possível a utilização de um talabarte para distribuir o peso do gonguê em outras partes do corpo. Esse talabarte é preso ao cabo do gonguê e se sustenta no ombro do executante, tal qual os talabartes das alfaias (vide ficha correspondente). A execução do toque do gonguê é realizada por uma baqueta grossa de madeira, geralmente semelhante à utilizada nas alfaias.

Mais precisamente, no maracatu nação, o gonguê possui uma só campânula (abertura de ressonância acústica), diferenciando-se do maracatu de orquestra, que tem duas campânulas.

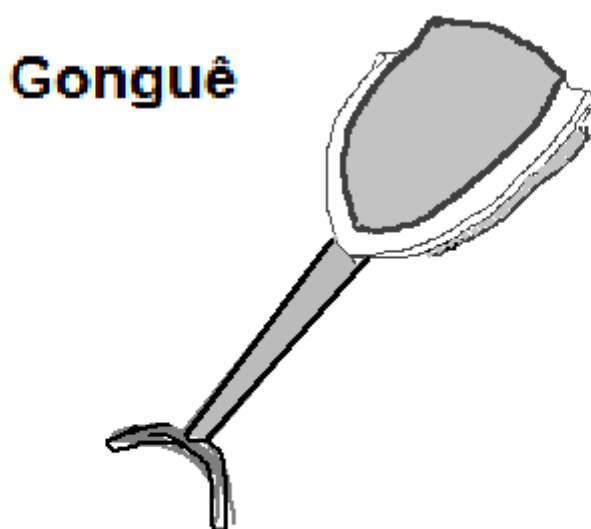


Figura 2. - Gonguê - Imagem de autoria de Fernando Souza

Para confecção do gonguê, são necessárias duas chapas de ferro, em média com 30 cm de altura e 20 cm de largura. Essas chapas são encurvadas num molde que pode ser feito em madeira (figura 4) e soldadas de modo a formar um design de um cone chapado – soldado, fixado com pinos ou grampeado com rebite; pode ser comparado a um sino achatado com um cabo para o apoio; é tocado em tempos de dois por um, para dar uma espécie de métrica para os batuqueiros.

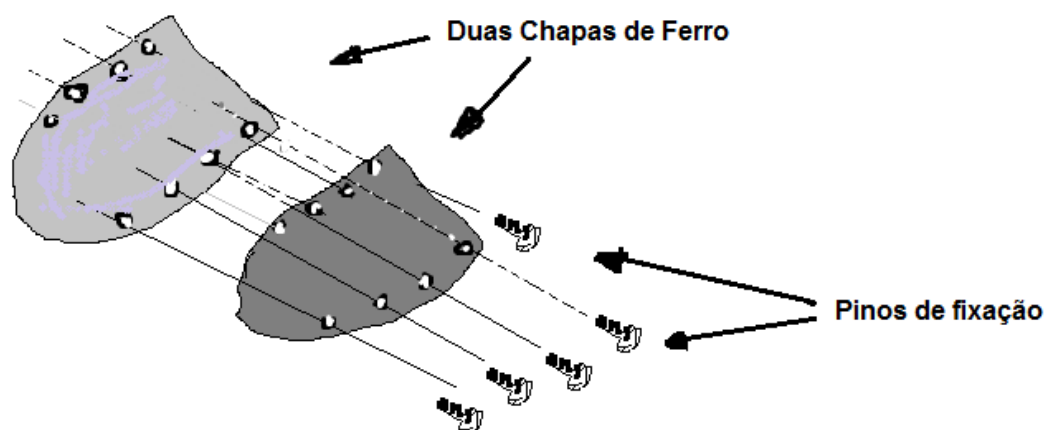


Figura 3. - Chapas de Ferro e pinos de fixação para confecção do Gonguê - Imagem de autoria de Fernando Souza

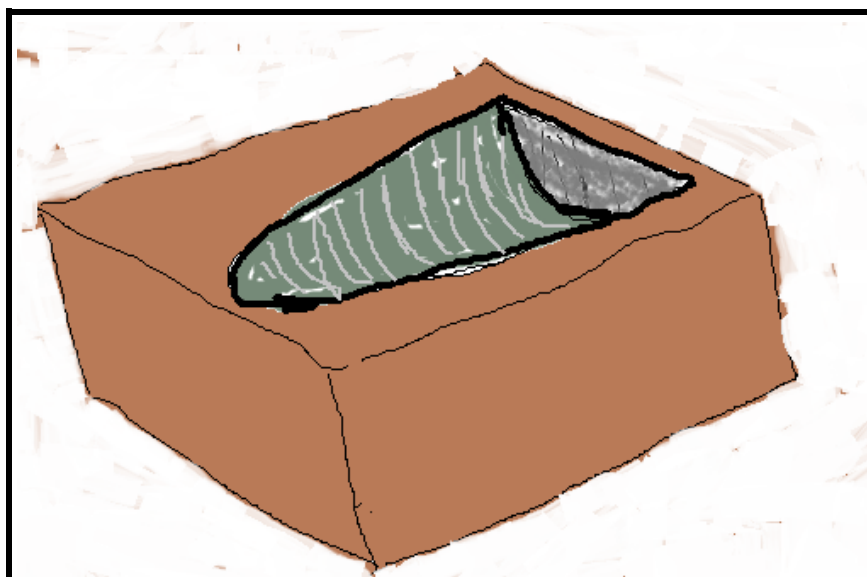
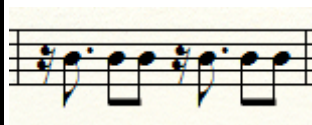
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****04**

Figura 4. - Molde em madeira para encurvar e formatar cada uma das campânulas do Gonguê

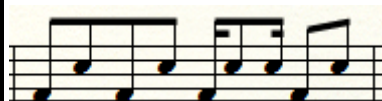
- Imagem de autoria de Fernando Souza a partir do molde de confecção de Gonguê utilizado por Maureliano

Geralmente, o Gonguê é feito por trabalhadores denominados ferreiros e serralheiros, que nem sempre têm ligação com o maracatu. É um instrumento rústico em que não é preciso técnicas muito apuradas ou industriais, utilizando um cabo de ferro cilíndrico e uma campânula – uma espécie de sino com a ‘boca’ achatada apoiada por um cabo também de ferro. No entanto, vale salientar que, na Região Metropolitana do Recife, destaca-se o trabalho do artesão de instrumentos Maureliano Ribeiro da Silva, que confeccionou gonguês para diversos maracatus nação da região.

No batuque, o gonguê tem a função de guia ou mesmo referência para os outros instrumentos, para que esses se mantenham no andamento de forma harmoniosa. Ele executa uma marcação contínua, ainda que permita virações de improviso. O gonguê possui um timbre agudo e de alto volume e deve ser escutado com clareza por todos os batuqueiros para que o baque (vide ficha correspondente) não saia do andamento, ou, nas palavras dos maracatuzeiros, “não fique atravessado”. Nos casos onde o batuque é muito grande, é necessária a utilização de dois gonguês. Quando isso ocorre, é imprescindível que os dois batuqueiros responsáveis pelo toque do instrumento ouçam a si mesmos para que um não toque em um ritmo mais acelerado que o outro e prejudique todo o baque, que poderá ficar confuso quanto ao gonguê a ser tomado por referência. Apesar da função maior do gonguê de fornecer uma referência de ritmo e andamento a ser seguido pelos outros instrumentos, existe atualmente um discurso, por parte de alguns maracatuzeiros, de que o instrumento que serve de referência para o andamento dos outros instrumentos é o caixa, ou seja, ao executar os baques nas alfaias, os batuqueiros estariam se guiando pelos sons e acentuações dos caixas, sem concentrar sua atenção no toque do gonguê. De fato, observa-se que, em alguns grupos, principalmente naqueles em que os gonguês executam muitas virações, sua função de guia fica prejudicada; a execução de uma célula marcante contínua, como a apresentada no esquema abaixo, facilita a orientação dos demais batuqueiros.



A fórmula rítmica acima ainda é muito utilizada pelos maracatus nação, mesmo que em meio a esse toque existam virações. No entanto, é possível escutar outra fórmula rítmica, contendo mais notas, mas também permitindo virações e improvisos por cima da base. Tal fórmula foi descrita pelo maestro César Guerra-Peixe, em sua obra *Maracatus do Recife*, como sendo a executada no gonguê da maioria dos maracatus nação da época. Nesta, o instrumentista busca articular dois sons distintos na campânula do gonguê. O mais grave (corresponde à primeira nota) é executado através da batida da baqueta no meio do corpo da campânula; a mais aguda, a partir da batida da baqueta no corpo da campânula que se aproxima da base. Apesar de também ser uma fórmula dominante executada nos gonguês da atualidade, esta versão interpretativa, gerada por Guerra-Peixe, é contestada por alguns batuqueiros como irreal e inexistente no vocabulário dos gonguês. Segue abaixo o modelo proposto por Guerra-Peixe:



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04**

Ainda sobre as virações dos gonguês, apesar de Guerra-Peixe ter descrito em sua obra que não existiam solos dos gonguês, atualmente essa prática é encontrada em baques como o do Estrela Brilhante do Recife. Em algumas convenções, todos os instrumentos param de tocar, com a exceção do gonguê, que executa um longo solo repleto de virações, até o momento que realiza uma chamada para o restante dos instrumentos, que entram todos de uma vez.

Apesar da descrição realizada acerca da função técnica musical dos gonguês, é interessante salientar que, para alguns mestres de maracatu, o gonguê possui também uma função ligada aos fundamentos religiosos do xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco). Esses mestres associam a função do gonguê a dos adjás que, nos terreiros, têm por uma de suas funções invocar e manter a vibração de eguns, orixás e demais entidades. Nesse sentido, o gonguê teria essa mesma função, só que ligada ao cortejo do maracatu, onde há relatos, não só contemporâneos, mas também em obras como a de Guerra-Peixe, de pessoas que são possuídas pelos seus orixás ou entidades ao longo do cortejo dos maracatus. O gonguê passa, assim, a ser um equipamento ritual indutor do transe. Tal discurso foi observado em entrevistas com os mestres Chacon do Porto Rico, Fabiano do Tigre, Adriano do Centro Grande Leão Coroado, Roberto do Nação de Luanda e Afonso do Leão Coroado. No entanto, tal discurso, ou associação com os adjás dos terreiros, não é presente no discurso da maior parte dos mestres e muito menos dos batqueiros. Por mais que as ligações do maracatu nação com os fundamentos religiosos do xangô sejam legitimadas por todos os maracatuzeiros entrevistados, nem todos utilizam tal discurso de maneira recorrente ou mesmo tão elaborado.

O toque do gonguê pode ser escutado junto dos baques dos maracatus nação. Estes são executados em apresentações públicas, podendo também ser escutados nos CDs gravados por alguns maracatus nação. Para maiores informações, vide ficha de baque ou de toada/loa.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Atualmente, os gonguês são de fabricação artesanal, produzidos nas oficinas dos artesãos que podem ser desde espaços pequenos e simples, muitas vezes agregados à própria casa do artesão, como também locais mais elaborados. Geralmente são confeccionados por encomenda dos maracatuzeiros ou ainda de outros tipos de músicos. Os artesãos de instrumentos geralmente são pessoas de origem humilde, portanto suas oficinas tendem a se fixar em bairros de periferia.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Neste caso, o marco edificado relevante é a própria edificação onde ocorre a confecção do instrumento, e seu formato e sua organização variam de artesão para artesão ou ferreiro/serralheiro.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Não existe um agenciamento do espaço especificamente para a confecção dos gonguês. Se ela é realizada por um ferreiro, serralheiro ou artesão de instrumentos, a própria oficina estará abastecida de suas ferramentas de trabalho cotidianas, que auxiliarão a confecção de gonguês, bem como dos outros materiais ou artefatos com o qual o profissional trabalha.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Os gonguês estão presentes nos maracatus sempre que ocorrem as apresentações desses grupos, visto que tal instrumento é constitutivo do batuque dos maracatus nação. Sua compra ou encomenda pode ser realizada em diversos períodos do ano, a depender da necessidade de cada grupo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04****7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001**

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

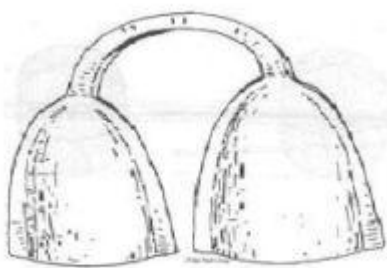
8. BIOGRAFIA

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Assim como não foram encontrados registros suficientes que possam datar o surgimento dos maracatus ou mesmo descrever suas formas de expressão e ofícios e modos de fazer, também não foram encontrados registros suficientes que nos permitam saber desde quando o gonguê está associado à manifestação. Os primeiros registros encontrados acerca da presença dos gonguês no batuque do maracatu provêm da obra *Maracatus do Recife*, de César Guerra-Peixe (1955). O maestro afirma que o vocábulo “gonguê” é um termo de procedência banto, sendo uma corruptela de “ngonge”.

Em pesquisas realizadas em sítios da internet, que discorrem acerca de elementos das culturas africanas, foi encontrada a descrição do “ngonge” (<<http://cobantu.com/artigos/ngonge.htm>>, consultado em 09/08/12 às 12h30). O referido sítio, pertencente à Confederação das Tradições e Culturas Bantu no Brasil (COBANTU), afirma que o vocábulo “ngonge” ou “ngongo” designa a “dupla campânula ou campânula geminada de ferro”. O sítio diz ainda que, quando tocado, o instrumento é audível à longa distância e que este era associado às realezas dentro das tradições bantas. Por fim, o sítio associa o “ngonge” aos agogôs no Brasil e aos gonguês de Angola. Na breve descrição relativa ao agogô, o sítio afirma que o instrumento “é formado por uma campânula de ferro simples ou dupla de percussão manual, sendo utilizado nos cultos afro de todo o Brasil”. Abaixo encontra-se reproduzida a ilustração do “ngonge” contida no referido sítio virtual.



No texto que faz a descrição do instrumento não constam as referências bibliográficas, o que dificulta a avaliação acerca de sua comprovação documental, no entanto, ele fornece mais um indício que reforça a teoria de Guerra-Peixe de que a origem do instrumento é africana. No dicionário de instrumentos publicado no sítio denominado “Meloteca” sobre músicas e artes (<http://www.meloteca.com/dicionario-instrumentos.htm>, consultado em 09/08/12 às 12h45), não existe definição para o vocábulo “gonguê”, mas sim para agogô: “idiofone tradicional de ferro, entrou pelo Brasil por via africana”. A partir do exposto, observa-se uma semelhança na descrição dos gonguês para os agogôs. Para Guerra-Peixe, o “gonguê” ou “gonguê” seria o mesmo instrumento utilizado nos xangôs (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), este denominado ‘agogô’, do loruba akokô” (GUERRA-PEIXE, 1955, p. 58). Por fim, o maestro ressalta que “no maracatu as dimensões do instrumento são maiores, a fim de que, produzindo sons mais fortes, possa fazer frente à intensidade dos zabumbas – tambores maiores que os ‘ilus’ (tambores) dos terreiros”. (Idem). Quanto às campânulas, o maestro afirmou que, tanto nos maracatus quanto nas cerimônias dos xangôs, ele observou apenas

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04**

uma campânula, sendo a baqueta repercutida no instrumento de madeira, e não de metal, como apresentada em algumas descrições. Desse modo, para Guerra-Peixe, a maior diferença entre o instrumento presente no maracatu e no xangô era o seu tamanho, tratando-se assim do mesmo instrumento. Ele encontra no fato de os maracatus, diferentemente dos xangôs, ocorrerem ao ar livre a justificativa para o tamanho do gonguê do maracatu, que precisava ser mais audível que o dos terreiros. Apesar de considerar o “gonguê” e o “agogô” como sendo o mesmo instrumento, o maestro salienta que, no contexto dos maracatus, ele era sempre denominado gonguê, enquanto que nos xangôs, agogô. Atualmente, percebe-se que a maioria dos agogôs encontrados nas religiões dos orixás ou em outras manifestações da cultura negra são os de dupla campânula, sendo de tamanho pequeno e peso leve. Segundo Guerra-Peixe, o peso do gonguê do Maracatu Elefante era de três quilos e meio. Ele descreve ainda o instrumento como possuindo boca, corpo e cabo e fabricado por ferreiros, de acordo com as orientações dos maracatuzeiros.

Sobre sua função, o maestro apontou que era “sustentar invariável esquema rítmico, assegurando uma referência certa à polirritmia dos instrumentos de percussão” (Idem p. 71), ou seja, a função do instrumento no passado é a mesma existente em grande parte dos maracatus nação de hoje. Sobre o seu toque, o esquema básico foi apontado por Guerra-Peixe como sendo o seguinte:



Como já salientamos no campo 5 desta ficha, essa fórmula rítmica ainda é executada por alguns maracatus nação, a exemplo do Maracatu Nação Porto Rico.

A partir do exposto, percebemos que, possivelmente, os gonguês utilizados pelos maracatuzeiros de hoje em dia são do mesmo modelo descrito na obra de Guerra-Peixe. Sobre os possíveis significados associados aos fundamentos religiosos, o maestro não menciona nenhuma informação dessa dimensão.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Dentro do contexto maracatuzeiro, executar o toque do gonguê exige muita responsabilidade. Isso ocorre porque o instrumento, além de cansativo por causa de seu peso, é presente, geralmente, na quantidade de um nos batuques dos maracatus nação. Nesse sentido, se o batuqueiro errar o seu toque ou sair do andamento, ele pode comprometer a qualidade da execução do toque de outros instrumentos, já que ele serve de guia, sem contar que, na maioria dos casos, não haverá outro tocador que possa cobrir ou disfarçar seu erro. Ainda assim, mesmo que houvesse outro tocador, se um erra, corre-se o risco de induzir o colega ao erro também. Por essa razão, diferentemente das alfaias ou mesmo abês (por parte das mulheres), o gonguê não é o objeto de desejo da maioria dos batuqueiros, ou seja, não possui a mesma popularidade que outros, apesar de todos saberem de sua importância.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1955	Publicação da obra <i>Maracatus do Recife</i> , do maestro César Guerra-Peixe, onde constam a descrição e as funções e toques dos gonguês nos maracatus nação.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Nas fichas de ofícios e modos de fazer referentes aos instrumentos musicais existentes nos maracatus nação, o próprio instrumento descrito é considerado como produto patrimonial.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
Encomenda	Os gonguês geralmente são confeccionados sob encomenda de maracatuzeiros ou demais músicos.
Confecção do gonguê.	Duas chapas de ferro são encurvadas, num molde que pode ser feito de madeira (figura 4), e soldadas de modo a formar um design de um cone chapado – soldado, fixado com pinos ou grampeado com rebites. Junto dessa campânula, são soldados um cabo e um apoio também de ferro.
Comercialização	Depois de pronto, a pessoa que realizou a encomenda geralmente vai até a oficina e busca seu instrumento.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Artesão de instrumentos	Obter a matéria-prima e confeccionar o gonguê dentro de uma oficina.
Comprador (maracatuzeiro)	Comprar o instrumento.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
	A confecção dos gonguês é feita, geralmente, por artesãos de instrumentos ou mesmo ferreiros ou serralheiros. As oficinas podem ser simples, muitas vezes agregadas à própria casa do profissional, ou mais elaboradas.
QUEM PROVÊ	Geralmente, os artesãos de instrumentos são profissionais liberais, ou seja, são os provedores do capital para a compra da matéria-prima, bem como do espaço onde é montada a oficina. Já no caso de ferreiros ou serralheiros, eles podem ser funcionários contratados de serralherias ou ferrarias, assim como profissionais liberais também.
FUNÇÃO	O capital e as instalações têm a função de fornecer condições estruturais para a confecção dos instrumentos.

10.5. MATÉRIAS-PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
	A matéria-prima utilizada na confecção do gonguê é o ferro. Já as principais ferramentas são a marreta, o molde para encurvamento das chapas de ferro, a solda e as furadeiras de metal ou de bancada.
QUEM PROVÊ	O artesão de instrumentos, a serralheria ou ainda a ferraria.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As matérias-primas e ferramentas, nesse caso, têm função utilitária, ou seja, a de confeccionar o instrumento.
DISPONIBILIDADE	Os materiais podem ser encontrados em lojas de materiais de construção ou artigos para marceneiros e ferreiros. O ferro pode ser conseguido em ferrarias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04****10.6. COMIDAS E BEBIDAS / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA**

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	São considerados como objetos ou instrumentos rituais aqueles que passaram por algum processo de sacralização. No caso dos gonguês, são raros os maracatus nação que oferecem obrigações para tal instrumento. No entanto, quando elas ocorrem, o instrumento pode ser banhado ou apenas “pincelado” com sangue animal ou lavado com banho de amassi (composto de ervas que tem como função purificar pessoas ou mesmo objetos).
QUEM PROVÊ	Os próprios maracatus nação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Purificar o instrumento e trazer proteção ao maracatu nação.

10.8. TRAJES E ADEREÇOS / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.9. DANÇAS / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****04****10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA**

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☒ VENDE ☐ TROCA ☐ OUTRO ☐ ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐ NÃO ☒ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☐
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☒ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

13. BENS ASSOCIADOS

Sítio (9)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Obrigações Religiosas	2
Baque	6
Batuque	7
Toada/Loa	18
Alfaia/Bombo	19
Batuqueiro	20
Caixa/Tarol	21

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	12	F60	04
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Mestre de Batuque	23
Mineiro/Ganzá	24

Recife (24)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Grupos Percussivos	28
Maracatu Nação Almirante do Forte	29
Maracatu Nação Cambinda Africano	30
Maracatu Nação Cambinda Estrela	31
Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado	32
Maracatu Nação Elefante	33
Maracatu Nação Encanto da Alegria	34
Maracatu Nação Encanto do Dendê	35
Maracatu Nação Encanto do Pina	36
Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife	37
Maracatu Nação Estrela Dalva	38
Maracatu Nação Gato Preto	39
Maracatu Nação Leão da Campina	40
Maracatu Nação Linda Flor	41
Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição	42
Maracatu Nação Oxum Mirim	43
Maracatu Nação Porto Rico	44
Maracatu Nação Raízes de Pai Adão	45
Maracatu Nação Rosa Vermelha	46
Maracatu Nação Sol Nascente	47
Maracatu Nação Tupinambá	48
Maracatus Mirins	49
Abê	58
Atabaque (ou Tabaque)	59

Olinda (5)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Axé da Lua	8

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04**

Maracatu Nação Estrela de Olinda	9
Maracatu Nação Leão Coroado	10
Maracatu Nação Nação de Luanda	11
Maracatu Nação Tigre	12

Igarassu (1)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu	2

Jaboatão (3)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Aurora Africana	2
Abê	4
Atabaque (ou Tabaque)	5

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

CARVALHO, Ernesto Ignácio de. **Diálogo de negros, monólogo de brancos**: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós – Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007. (anexo 1 nº: 157)

GUERRA_PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. 2. ed. Recife: Irmãos Vitale, 1981. p. 171. (Coleção Recife, v. XIV) (anexo 1 nº:33)

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Toadas de maracatu e músicas de afoxés: ressignificação de valores, sentidos e tradições na cultura afro-descendente pernambucana. **A Cor das Letras** (UEFS), 2007. (anexo 1 nº 116)

SANTOS, Climério de Oliveira; RESENDE, Tarcísio Soares. **Batuque Book**: Maracatu Baque Virado e Baque Solto. Recife, Ed. do Autor, 2005. ISBN: 8590534715. (anexo 1 nº:77)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 04****15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS**

792; 793; 798; 799; 803; 804; 805; 806; 808; 809; 811; 812; 814; 816; 818; 819; 820; 821; 822; 826; 828; 829; 830; 831; 832; 833; 834; 835; 836; 837; 838; 839; 840; 841; 842; 843; 844; 851; 872; 892; 893; 895; 896; 897; 898; 899; 900; 901; 902; 903; 904; 905; 906; 907; 908; 909; 910; 911; 912; 913; 914; 915; 916; 917; 918; 919; 920; 921; 922; 923; 924; 925; 926; 927; 928; 929; 930; 931; 960; 961; 962; 965; 966; 967; 968; 969; 970; 971; 1013; 1014; 1015; 1016; 1017; 1018; 1019; 1020; 1021; 1022; 1023; 1024; 1025; 1026; 1027; 1028; 1029; 1030; 1031; 1032; 1033; 1034; 1035; 1036; 1037; 1038; 1039; 1040; 1041; 1042; 1043; 1044; 1045; 1046; 1047

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

1; 2; 3; 4; 5; 6 ;7 ; 11; 12; 14; 16; 21; 26; 32; 33; 44; 103; 129; 131; 132; 133; 134; 159; 196; 197; 198; 248; 249; 263; 275; 276; 279; 289; 290; 291; 299; 327; 334; 354; 373; 390; 393; 395; 397; 405; 427; 429; 439; 454; 469; 473; 477; 489; 517; 519; 521; 522; 525; 527; 541; 545; 550; 553; 599; 600; 613; 614; 620; 657; 678; 685; 696; 702; 716; 720 ; 724; 734; 738; 739; 740; 742; 743; 744; 745; 746; 747; 748; 749; 750 ; 751; 752; 753; 754; 755; 756; 757; 758; 761; 762; 763; 764; 765; 766; 767; 768; 769; 770; 771; 772; 773; 774; 775; 776; 777; 778; 779; 780; 781; 782; 783; 784; 785; 786; 787; 788

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Para este INRC, foram preenchidas fichas de identificação de alguns bens culturais com base no depoimento de diversos maracatuzeiros entrevistados, para, assim, contemplar a diversidade de pontos de vistas que os detentores do maracatu nação possuem acerca de seus bens, sem privilegiar o ponto de vista de um maracatuzeiro em detrimento de outro. O bem descrito nesta ficha enquadra-se nesse contexto.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	12	F60	04
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Esta ficha foi preenchida com base em informações concedidas pelos maracatuzeiros e demais entrevistados para este INRC, com roteiro específico elaborado pela equipe de pesquisa.		
PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho.		
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski.		
REDATOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski e Fernando Antônio Ferreira de Souza.		DATA 26/10/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Isabel Cristina Martins Guillen.		